O CAMINHO DAS VOZES:
A ESCRITA DE MTUTUZELI MATSHOBA

Elisa Cristina de Proença Rodrigues Gallo*

RESUMO:

Esse estudo abrange as obras publicadas de Mtutuzeli Matshoba, escritor negro sul-africano, focalizando seu híbridismo cultural e o caráter monológico do seu texto. Através de um estudo comparativo, apresenta uma leitura sócio-política de sua obra visando um melhor entendimento das conquistas políticas e literárias do negro sul-africano sob a ditadura do apartheid.

PALAVRAS-CHAVE: realidade histórica; identidade cultural; dialogismo e monologismo; intertextualidade.

Mtutuzeli Matshoba: 51 anos (21 de maio de 1950), ativista político e escritor de protesto do final dos anos 70, ferrenho opositor ao regime segregacionista de seu país – a África do Sul – ora vítima, ora testemunha ocular dos desmandos do apartheid. Mtutuzeli Matshoba, parte da elite cultural negra do CNA, o atual partido político do governo sul-africano e assessor cultural do presidente Nelson Mandela. Mtutuzeli Matshoba, contista e dramaturgo, que se apresenta como porta-voz do colonizado oprimido, mas que usa em sua escrita o inglês, a língua do colonizador. Mtutuzeli Matshoba, epítome do autor negro sul-africano pós-Soweto, essencialmente o escritor de protesto cuja voz preponderantemente refrata a dos literatos negros contemporâneos de seu país, mas que, vez por outra, se contrapõe a ela; Mtutuzeli Matshoba, intelectual híbrido e escritor bivocal, no entanto essencialmente monológico.

Matshoba e outros autores; Matshoba e ele mesmo em épocas cronológicas distintas: passado e presente, incursões em diferentes gêneros literários, posturas e status sociais diversos.

* Doutora em Literatura Comparada, 1999.
Questiona-se: Por que Matshoba parou de escrever se a dicotomia e o hibirismo cultural ainda se acham presentes na África do Sul? Em Matshoba, o literário está totalmente condicionado ao social e à ruptura do escritor com a literatura se dá com o cessar de um momento social específico, que, de alguma forma, pára de incomodá-lo como outrora já o havia feito. Conclui-se, desta forma, pelo caráter panfletário do texto de Matshoba, uma vez que um escritor híbrido não abandonaria sua escrita simplesmente por haver se alterado uma situação sócio-política determinante.

Existe uma total simbiose entre a literatura e a política sul-africanas, seja lá qual for o momento político do país, reforçando o conceito marxista do elo entre o literário e o social. O tom crítico de rebeldia subjaz a essa literatura a partir da década de 60, tornando-a não apenas forma de protesto contra o apartheid, mas também um veículo de provocação e desafio. A partir dos anos 70, o conto se torna um gênero literário bastante popular e a opção de Matshoba. É uma forma concisa, mas de extremo impacto emocional, através do qual ele exprime sua revolta, em uma literatura de cunho panfletário e de temática essencialmente autobiográfica.

Em Matshoba, as raízes do passado se mesclam aos acontecimentos presentes e às projeções futuras e a escrita passa a ser um ato de ativismo político. Nela se destaca a resistência negra no país: sua continuidade histórica e seu papel de força conscientizadora na busca de mudanças sociais. Assim, o conteúdo passa a ser mais importante do que a forma, e tem como função principal retratar com fidelidade a vida do negro sob o domínio do apartheid.

Adepto da teoria de Muthobi Mutloatse (Mtuloase: 1980), Matshoba desempenha uma dupla função com sua escrita panfletária: pauta seu trabalho na experiência pessoal individual e coletiva, bem como desmistifica os falsos conceitos sobre negritude veiculados pela ideologia branca dominante. Desta forma, sua literatura passa a ter não apenas uma função política de mobilização e unificação da comunidade negra na luta pela liberdade, mas a servir também de suporte ideológico, no qual o autor exerce tanto o papel de consciência quanto o de porta-voz do seu povo.

Sua escrita é conceitualizada como uma ferramenta prática de luta do povo negro e, como em sua obra, a forma conversacional desempenha o duplo papel de
mola propulsora da ação e de background sócio-político. Dentro dessa estrutura, o tema recorrente da obra — o destino do colonizado negro e sua luta contra a opressão — e a unicidade de foco salientam-se como marcas características da estratégia narrativa. Esse foco único, ou seja, a figura do viajante-contador-de-histórias-vizinho-conselheiro, é analisado em suas múltiplas funções, destacando-se seu valor estratégico proveniente de sua relação com o conceito coletivo.

Na obra desse autor, muito mais presente que a criatividade ou a individualidade autoral está a ênfase na identidade como coletividade e movimento que busca dar à literatura um caráter mais popular. Tal caráter, entretanto, não visa apenas à coletividade negra como audiência; ao contrário, visa a uma audiência elitizada, razão primeira de sua opção pelo inglês ao invés do vernáculo. Sendo também um escritor do tipo panfletário, não faria sentido que ele apenas relatasse aos negros o sofrimento e as discriminações a que eram submetidos. Como ativista político, era mister que ele se tornasse uma ameaça às classes dominantes e, para que isso acontecesse, necessário seria estabelecer a comunicação, o que só ocorreria caso a língua utilizada fosse comum a ambos, no caso, a língua do dominador.

Ao elitizar a forma de comunicação, o público que o autor buscava atingir não seria certamente o do universo das personagens de sua escrita. Ao retratar, através da língua do colonizado, as injustiças e a opressão sofridas pelo colonizado, segmento no qual se inclui, Matshoba — epitome do intelectual pequeno-burguês negro — estaria usando um discurso ambivalente, ou, lançando mão da teoria bakhtiniana (Bakhtin: 1990), e estaria sendo dialógico.

Membro de uma elite, Matshoba seria sem dúvidas um intelectual híbrido, e uma personagem dual que se auto-define ora como o subalterno, protagonista ou testemunha de suas próprias histórias, ora como parte de uma elite intelectual e financeiramente muito superior às personagens da Soweto que descreve. Entretanto, a voz autoral que permeia suas histórias seria basicamente monológica, uma vez que, através de aceitação ou, no extremo oposto, através de revolta, o colonizador é sempre tido como superior.

Sabe-se que o inglês não é a língua nativa de qualquer autor negro sul-africano. Entretanto, Matshoba e os outros literatos negros de seu país adaptaram-
no às suas necessidades particulares e, de algum modo, fizeram dele uma nova língua africana, com símbolos e termos próprios. Lançando mão de sua universalidade tornaram-no o veículo de comunicação do protesto africano. Entretanto, a língua do colonizador restringe-se à comunicação escrita ou a situações mais formais de oralidade. A verbalização das personagens negras em situações carregadas de emotividade ou tensão é sempre feita no vernáculo.

Seu estilo é, pois, a mistura do formal literário e da oralidade informal, do contar e do mostrar, do vernáculo e do inglês. Cabe, no entanto, ressaltar que sua linguagem é bem compartimentalizada. O uso do xhosa, língua nativa, é quase sempre seguido da sua tradução em inglês, o que ratifica a afirmação de ser sua obra endereçada a um público específico: o que é capaz de ler inglês. Logo, em sua obra, a dicotomia serve para reforçar uma postura basicamente monológica.

Não restam dúvidas de que ele faz parte de uma elite, de uma minoria educada que estaria ajudando a forjar o idioma literário de uma classe mais pequeno-burguesa que proletária e que se via identificada com o povo, criticando pois as aspirações individuais da pequena-burguesia corporificada nas classes profissionais mais elitizadas.

Funcionaria, assim, como um híbrido entre o colonizado e o colonizador, enfatizando em sua escrita, de forma peculiar e autobiográfica, a cultura e as tradições africanas, utilizando-se do vernáculo nas falas de suas personagens, mas optando pelo inglês como sua língua literária.

Praticamente todos os contos de *Call me not a man* (1979) refletem o impacto político-social que a revolução de Soweto de 1976 teve na vida sul-africana em geral. Como oprimido e ativista político, Matshoba usa a literatura de forma catártica e panfletária. Seus narradores trazem em si a postura crítica da comunidade negra, usando em suas falas opiniões consensuais para comunicar sua visão pessoal dos fatos. A voz autoral está sempre presente, indiretamente através das personagens, ou diretamente, através de digressões. O presente imediato, no entanto, torna o texto datado.

A polifonia bakhtiniana serve como suporte teórico à análise. Discute-se o jogo de vozes — refratárias ou antagônicas, em contextos monológicos ou dialógicos — na busca da identidade social através da construção literária. Observa-se que a pluralidade
na cultura sul-africana não é suficiente para a criação de um real dialogismo, uma vez que línguas, valores e crenças existem per si.

Matshoba mostra em seus textos uma perspectiva basicamente monológica do colonizado. Conformista, algumas vezes, insurgente, em outras, seus atos de rebeldia redundam sempre numa posição inercial em que a voz autoral, através da personagem, prevê o fracasso da tentativa de ruptura e de marcar a diferença. Afirma a identidade cultural local e, ao mencionar, nega, mas reafirma pela própria negativa a identidade do outro.

É preciso deixar claro que a bivocalidade é freqüente nos contos de Matshoba, mas, como alega Bakhtin, nem todo discurso bivocalizado é polifônico, pois, para que a polifonia aconteça, não pode haver uma voz autoral dominante, mas um confronto de vozes na arena discursiva. Em cada extrato discursivo, em cada voz, deverá existir um sujeito com acentos e pontos de vista próprios. Matshoba, seria então bivocal, mas normalmente não seria polifônico ao lançar mão de diversos recursos, como vozes alternativas para referendar, contrapor ou refratar outras vozes expressas: silêncios e ausências, verbos, advérbios ou substantivos plurívocos, súmiles e metáforas. A oralidade é um traço relevante em seus escritos, refletindo-se no gênero literário escolhido, em recursos e técnicas narrativas utilizadas e em características de estilo.

Assim como grande parte da ficção negra, os contos de Matshoba recorrem de forma intensa às tradições do conto oral. Apresentam flashbacks, episódios seriados, uma postura conversacional direta, digressões e longas discussões entre as personagens. Os leitores são interpelados de forma informal e familiarmente chamados por 'irmão' ou 'irmã'; são repreendidos e aconselhados. A experiência pessoal está sempre refletida em sua narrativa.

Em sua obra, o intertexto, presente através do uso de epígrafes, nas referências a ecos de outros textos e na inscrição no texto da voz de outro, tem basicamente a função de ênfase. Através dele, novas vozes se unem em harmonia às já existentes, reverberando um mesmo tema social: a tirania e o abuso de poder do mandante, a opressão e a submissão do mais fraco.
Concluímos pois, destacando a dualidade da figura de Matshoba e de sua obra. Como pessoa, ele passa do subalterno oprimido, ora observador, ora protagonista dos desmandos e injustiças causados pelo regime segregacionista da África de sua infância e adolescência, a membro de uma elite intelectual atuante no governo Mandela. Ativista político e escritor panfletário da era Soweto, nos anos 70, Matshoba purga sua revolta através de uma escritura que cessa a partir do momento em que a situação de seu país não o afeta mais com a mesma intensidade.

A representação do presente imediato torna seu texto datado, assim como o leva a uma atitude diferente, calcada no status do momento. Híbrido entre a elite negra dominante e o subalterno, entre o protagonista e o observador, pode-se verificar que, ao plurilingüismo de sua escrita, contrapõe-se uma unicidade de voz, de ponto de vista.

É interessante lembrar que o inglês, língua por ele escolhida para transmitir literariamente suas ideias, é usado como elo de ligação entre o mundo do colonizador e o do colonizado. Matshoba não escreveu para o subalterno; escreveu sobre o subalterno para um público específico, a elite dominante, capaz de ler em inglês e dotada de condição financeira suficiente para comprar seus livros.

ABSTRACT:

This study encompasses the published works of the black South African writer Mtutuzeli Matshoba, focusing on his intellectual hybridism and on his authorial monologism. Through a comparative method, it offers a socio-political reading of his work, aiming at a better understanding of black South Africans' political and literary achievements during the apartheid era.

KEY WORDS: historical reality, cultural identity, dialogism and monologism, intertextuality.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:


_._. _Some points to ponder: thoughts on the disbanding of P.E.N._ Staffrider, Johannesburg, v.4, n.1, Apr./May 1981.


---. Decolonizing the mind; the challenge of 'black' writing to 'white' criticism. SAVAL Conference Papers, [s.l.], n.10, 1990.